

**A GENERICIDADE E OS SINTAGMAS NOMINAIS EM RIKBAK TSA (MACRO-JÊ): ESPÉCIE E SOMA<sup>1</sup>***GENERICITY AND BARE NOUNS IN RIKBAK TSA: (MACRO-JÊ): KINDS AND SUMS**Roberta Pires de Oliveira<sup>2</sup>**Léia de Jesus Silva<sup>3</sup>**João Tsaputai<sup>4</sup>**Helena Loch de Oliveira<sup>5</sup>**Laiara Machado Serafim<sup>6</sup>***RESUMO**

O artigo investiga, de maneira exploratória, a semântica dos sintagmas nominais em sentenças genéricas na língua Rikbaktsa (Macro-Jê) como parte do projeto “(In)definitude da perspectiva das línguas sub representadas”. A língua Rikbaktsa é marcada para número, não possui artigos e a ordem canônica é Sujeito-Objeto-Verbo, no qual o verbo é uma unidade autônoma. Os dados analisados são originais e foram coletados através de diferentes metodologias. Além da documentação de uma língua em perigo, o artigo propõe uma descrição morfo-semântica das sentenças genéricas que, nesta língua, são morfologicamente estativas. A estrutura ativa é episódica. Os sintagmas nus, singular e plural são intercambiáveis, mas nem sempre. Para explicar a distribuição e interpretação desses sintagmas propomos que o singular nu denota um indivíduo singular, que pode ser de diferentes tipos – indivíduos genéricos (espécie) ou ordinários –, já o plural é sempre uma soma. O artigo contribui com uma perspectiva inovadora para o fenômeno que a literatura chama de “neutro para número”; argumenta que a hipótese apresentada explica melhor os fatos dessa língua do que a hipótese da neutralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rikbaktsa (Macro-Jê). Genéricos. Morfo-semântica. Neutralidade para número. Indivíduo genérico. Coleta de dados.

**ABSTRACT**

The article is an exploratory investigation into the semantics of noun phrases in generic sentences in the Rikbaktsa language (Macro-Jê), as part of the project “(In)definiteness from the perspective of underrepresented languages”. Rikbaktsa is a number marking language, that has no articles and the canonical order is Subject-Object-Verb, in which the verb is an autonomous unit. The data analyzed is original and was collected through

<sup>1</sup> Agradecemos a leitura atenta dos revisores e também ao CNPq por patrocinar esta pesquisa.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-CNPq), ropiolive@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-4946-7205>.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), leiajs@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8835-377X>.

<sup>4</sup> Professor da Escola Estadual Indígena Myhyinykyta Skiripi - MT, joaotsatuti@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0008-9462-3335>.

<sup>5</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-IC-CNPq), oliveirahelena068@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0000-5559-7025>.

<sup>6</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-IC-CNPq), laiara.serafim@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0003-8770-2784>.

A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma

different methodologies. In addition to documenting an endangered language, the article proposes a morpho-semantic description of generic sentences that, in this language, are morphologically stative. The active structure is episodic. The bare phrases, singular and plural, are not always interchangeable. To explain the distribution and interpretation of these phrases, we propose that the bare singular denotes a singular individual, which can be of different types – generic (kinds) or ordinary individuals –, whereas the plural is always a sum. The article contributes an innovative perspective to the phenomenon that the literature calls “number neutrality”, which, the paper shows, better explains the data in Rikbaktsa.

**KEYWORDS:** Rikbaktsa (Macro-Jê). Generic. Number neutrality. Kinds. Data collection.

## Introdução

Este é um artigo exploratório sobre a semântica dos nominais e a estrutura morfo-semântica das sentenças genéricas na língua Rikbaktsa (Macro-Jê), uma das línguas que são objeto de estudo do projeto “(In)definitude da perspectiva das línguas sub-representadas” (Pires de Oliveira, 2022a). Rikbaktsa é uma língua nua, isto é, sem artigos<sup>7</sup>, com morfologia de plural e gênero “fundidos”; por exemplo, *-tsa* carrega informação sobre pluralidade e não-fêmea (Dellai *et al.*, 2021); *parinitsa*, literalmente onças não fêmeas<sup>8</sup>. A ausência dessa flexão no nome, por exemplo, *parini*, onça, chamada singular nu, coabita com o plural nu em posição de argumento. Ambos preenchem a valência em predicções genéricas, como veremos. Nessa língua, a conversão de nomes em verbos, e vice-versa, é bastante produtiva.<sup>9</sup> Esse processo caracteriza as sentenças genéricas, que nesta língua, são morfologicamente predicados estativos gerados por processos morfológicos de nominalizar e predicatizar (de tornar um predicativo). Embora pareça que a morfologia de plural no nome é opcional, mostramos que nem sempre esse é o caso. Propomos uma estrutura estativa para as sentenças genéricas nesta língua, sugerindo que não são quantificações como proposto pela literatura para as sentenças genéricas em línguas como o inglês e o português brasileiro (PB). uma explicação para essa distribuição.

Os dados são originais e a metodologia de coleta é diversificada. Na primeira fase, a coleta foi realizada individualmente com o professor-pesquisador de língua materna e coautor deste trabalho, João Tsaputai, utilizando o português brasileiro (PB) como língua comum, já que ele é bilíngue; atividade acompanhada pela pesquisadora Léia de Jesus Silva, que é falante da língua. Essa coleta baseou-se no questionário adaptado de Dayal (no prelo). O resultado foi a elaboração de cartões de situações pareados com sentenças da língua. Foi montado um jogo de baralho, com cartão e sentenças, tendo como pergunta básica se a sentença combina ou não com aquela situação. O pesquisador-professor coletou, então, dados com falantes da comunidade a partir desse jogo. Nessa segunda etapa, os dados foram gravados em vídeo e houve alterações e correções das sentenças pelos falantes, gerando novos dados. Na terceira etapa, esses novos dados estão sendo transcritos para a

<sup>7</sup> A língua tem um sistema de demonstrativos sofisticado, um tópico em si que deixaremos para outra oportunidade.

<sup>8</sup> Silva (2011) afirma que Rikbaktsa distingue as mulheres de todos os outros indivíduos e objetos. No entanto, em *parinitsa* por exemplo não se trata de apenas onças que não são fêmeas. Logo, parece haver gramaticalização, um tópico que deixaremos de lado.

<sup>9</sup> É também uma língua que não tem quantificação nominal. Tem as propriedades das línguas que Partee (1985) denomina de afixais, também característica de línguas omni predicativa. É uma língua polissintética segundo Baker (1996).

modalidade escrita por professores da língua juntamente com alunos na sala de aula, gerando novos dados. Estamos em fase de transcrição do material coletado e aprofundamento das inúmeras questões que surgiram ao longo desta pesquisa.

Na primeira seção são apresentadas algumas propriedades gerais do Rikbaktsa, uma língua fortemente ameaçada, falada pelo povo de mesmo nome que habita as terras indígenas Erikpatsa, Japuira e Escondido, no noroeste do estado de Mato Grosso. Na segunda seção, a metodologia de coleta de dados, exemplificando com dados que são objeto de análise deste artigo. A descrição morfo-semântica é realizada na terceira seção. A seção propõe uma estrutura para as sentenças genéricas, em que os sintagmas nus singular e plural coocorrem e aparentemente com a mesma interpretação. Argumentamos que nesta língua elas são sentenças predicativas e não quantificacionais como é o caso das sentenças genéricas no inglês e no PB. Mostramos, em seguida, os casos em que a forma plural gera agramaticalidade e em que a forma singular é obrigatória. Argumentamos que a proposta da implicatura para explicar a neutralidade para números não explica os dados do Rikbaktsa (Spector, 2007; Guerra Vicente; Ramires, 2024 para o Guarani Kayowá). Propomos, então, que o singular nu denota um indivíduo que pode ser de diferentes tipos, indivíduos genéricos (espécies) ou ordinários, enquanto que o plural é uma soma. A conclusão é sobre semântica através das línguas.

## 1. Algumas propriedades gramaticais da língua Rikbaktsa (Macro-Jê)

Essa seção apresenta propriedades sintático-semânticas dessa língua, já advertindo que há muito a ser compreendido sobre a sua gramática. Trata-se de uma língua em que a ordem canônica é Sujeito, Objeto e Verbo (SOV). O verbo é uma estrutura completa, isto é, é uma sentença a qual é possível atribuímos valor de verdade. O verbo é rodeado, por assim dizer, por pronomes, que estão ligados aos nominais, conforme exemplificado em (1), seguindo a mesma ordem sujeito e objeto. Eles carregam informações sobre pessoa e número. A marca de gênero pode aparecer afixada independente do número, como veremos em outros exemplos neste artigo. A morfologia de plural, que está fundida à de gênero (Dellai *et al.*, 2021; Jasper Ern *et al.*, 2023), parece não ser obrigatória. Em (1a) o nome é singular, i.e. sem flexão, enquanto em (1b) a flexão de não-fêmea.plural<sup>10</sup>, *-tsa* é acrescida ao nome. As sentenças descrevem uma situação em que há várias panelas e que o falante pega uma ou algumas delas, indiscriminadamente:

- (1) a. *ikza=katsa morosok ø-p-ø-ebyk*  
 1 fem.sg=foco      panela      1 suj-npas-3obj.sg-pegar/levar  
 ‘Eu mesma vou levar panela.’
- b. *ikza=katsa morosok-tsa ø-my-s-ebyk*  
 1 fem.sg=foco      panela-nfem.pl      1 suj-npas.-3obj.pl-pegar/levar  
 ‘Eu mesma vou levar panelas.’

<sup>10</sup> Neste artigo não vamos desenvolver a questão da marcação de gênero e número nessa língua.



Oliveira, 2022). O projeto segue a metodologia em Lima e Rothstein (2020) que permite comparar línguas porque os dados são coletados a partir de um único questionário. Partimos, então, de uma adaptação do questionário de Dayal (no prelo). Este questionário congrega os principais testes para avaliar a genericidade e a (in)definitude de sintagmas nominais em posições argumentais em línguas nuas, isto é, línguas que não têm artigos. Os exemplos são em inglês, uma língua que tem artigos e também plural nu.

Por exemplo, para a verificação sobre a genericidade do sintagma nominal, o teste é a combinação com predicados de espécies (Krifka *et al.*, 1995, entre outros). Em (3a), a autora apresenta a estrutura, XP, correspondendo ao sintagma nominal, e em (3b-c), os exemplos em inglês:

- (3) a. *[XP] is/are extinct.*  
 b. *[Dinosaurs] are extinct.*  
 c. *[The dinosaur] is extinct.* (Dayal, no prelo: 6)

A forma singular não ocorre porque é agramatical em inglês (\*Dinosaur is extinct). O questionário investiga tanto os contextos em que o nome é genérico, como no caso em (3) em que o predicado é de espécie, quanto afirmações genéricas, como em *Dogs bark*. Pires de Oliveira (2022) inclui também contextos com predicados disposicionais, como *amar e odiar*.

## 2.1. Coleta com o pesquisador participante

Para a coleta de dados, o questionário foi adaptado à cultura local e apresentado em português brasileiro, a língua comum, para o pesquisador João Tsaputai, que fornecia as sentenças na língua materna, juntamente com a pesquisadora Léia de Jesus da Silva, falante da língua. Vamos exemplificar com a coleta com as sentenças genéricas, foco deste artigo. Durante a elicitação, pedimos que o falante formulasse a generalização de que uma característica das antas, um animal típico da região. A resposta espontânea foi a sentença em (4a). Na sequência da coleta, perguntamos se a forma plural, (4b) seria aceita, e ele aceitou. As duas formas são possíveis, mas há uma preferência para a forma sem flexão de plural:

- (4) a. *piku*                      *huihara*                      *i-akpara-wy*  
           anta                        fruta                        3sg-gostar-nlz  
           ‘Anta gosta de fruta’
- b. *piku-tsa*                      *huihara*                      *s-akpara-wy*  
           anta-nfem.pl              fruta                        3pl-gostar-nlz  
           ‘Antas gostam de fruta’

A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma

As marcas de pessoa no predicado, *i-* ‘3sg’ e *s-* ‘3pl’, são correferentes com os sujeitos *piku* e *piku-tsa*, respectivamente. Nessas sentenças, o falante utilizou um verbo disposicional que é nominalizado; o morfema *-wy* nominaliza a raiz verbal, resultando em algo mais próximo de “gostador de fruta”. Voltamos a esse ponto na seção 3.

Manipulando as sentenças, produzimos as sentenças em (5), mais próximas de uma tradução palavra a palavra do português, e o falante afirmou que elas retratam uma situação episódica em que o evento está em curso e em que o agente deste evento é uma anta (específica ou não). Assim, elas contrastam com as sentenças em (4) que atribuem uma propriedade a antas em geral:

- (5) a. *piku huihara ø-p-ø-ezo*  
 anta<sub>1</sub> fruta<sub>2</sub> 3suj<sub>1</sub>-npas-3obj.sg<sub>2</sub>-comer  
 ‘(Uma/A) anta come fruta.’
- b. *piku huihara ø-p-ø-ezo-kok*  
 anta<sub>1</sub> fruta<sub>2</sub> 3suj<sub>1</sub>-npas-3obj.sg<sub>2</sub>-comer-cont  
 ‘(Uma/A) anta está comendo fruta.’

Neste caso, o verbo não é disposicional como em (4), mas é dinâmico, envolvendo um agente.<sup>14</sup> Descritivamente, as sentenças em (4) são estativas, enquanto que em (5) são ativas ou episódicas, isto é, os interlocutores estão falando de um evento. A interpretação do nominal *nu*, singular ou plural, é genérica com o predicado disposicional em (4), enquanto que no contexto episódico trata-se de um evento que envolve indivíduos ordinários. Com o singular *nu*, preferencial um indivíduo, em (5a) e para o plural *nu*, em (5b), mais de um indivíduo.

## 2.2. Elaboração de cartões informativos para coleta na comunidade

A coleta individual de todas as situações descritas no questionário adaptado de Dayal (no prelo) gerou um grande número de dados que foram transcritos e serviram de base para a elaboração de um jogo de língua que associa sentenças e situações. Primeiramente, foram elaborados cartões com figuras que representam cada uma das interpretações das sentenças coletadas, caso a sentença tivesse mais de uma interpretação. Por exemplo, para as sentenças genéricas, utilizamos o cartão de número 12, no qual aparecem duas figuras de onças que estão correndo.

**Figura 1:** Carta do jogo de língua



**Fonte:** Elaboração dos autores

<sup>14</sup> Storto (2019) menciona o padrão ativo-estativo das línguas Apurinã e Mawé. O mesmo parece ocorrer em Rikbaktsa.

O contexto é uma conversa sobre características dos animais. Esse animal do cartão tem essa propriedade? é a pergunta em questão para o cartão acima. Como já dissemos, embora as duas formas em (6) sejam aceitas, a preferencial é a sentença com o singular nu (6a). Note que são sentenças estativas (e não ativas como nas genéricas no PB):

- (6) a. *parini tsi-typy-ē-ta*.  
 onça 3suj.sg-rápido-pred-nfem.sg  
 ‘onça, ela é rápida’ (corre rápido)
- b. *parini-tsa si-typy-ē-tsa*  
 onça-nfem.sg 3suj.pl-rápido-pred-nfem.pl  
 ‘onças são rápidas’ (correm rápido)

Na próxima seção, descrevemos melhor a estrutura de predicalização das sentenças em (6). Em (6), o prefixo de pessoa (*tsi-* ‘3sg’ e *si-* ‘3pl’) e o sufixo indicando gênero e número (*-ta* ‘nfem.sg’ e *-tsa* ‘nfem.pl’) concordam ambos com o sujeito da sentença, *parini* ‘onça’ ou *parini-tsa* ‘onças’, respectivamente. Na etapa subsequente essas intuições são verificadas por outros falantes.

### 2.3. Coleta na comunidade

Com o auxílio dos cartões informativos e do questionário/guia, o pesquisador João Tsaputai coletou os dados em sua comunidade com diferentes falantes nativos, jogando o jogo da língua. Uma dessas pessoas que participaram da coleta de dados foi D. Rita, uma anciã Rikbaktsa. Um dos cartões respondidos por ela foi o cartão 12, na figura 1. D. Rita aceitou as sentenças em (6), corroborando a intuição do pesquisador de que (6a) é melhor. Posteriormente, alguns cartões foram selecionados e levados para sala de aula, como exercício para que os alunos transcrevessem as sentenças proferidas pela D.Rita para em seguida traduzi-las em português.

## 3. Os sintagmas nominais e a genericidade em Rikbaktsa

A seção investiga os sintagmas nominais em sentenças genéricas em Rikbaktsa. A literatura (Krifka *et al.*, 1995) distingue a genericidade do nome da genericidade sentencial. O teste para a genericidade no nome é sua combinação com os predicados de espécie, tópico da primeira sub-seção. Em seguida, analisamos sentenças genéricas. Mostramos que, nesta língua, elas são estativas, morfologicamente construídas a partir de verbos nominalizados ou de nomes e adjetivos que são predicalizados, isto é, transformados em predicativos. Na última parte, discutimos a hipótese da neutralidade para número.

### 3.1. Predicados de extinção

Um dos testes de genericidade é verificar sua combinação com predicados de espécie, isto é, predicados que não se aplicam a indivíduos ordinários, como os predicados *estar em extinção* e *ser raro*. Espécies foram introduzidas na literatura por Carlson (1977) para explicar o plural nu em inglês. Em português, o predicado *acabar*, em linguagem coloquial é, em uma de suas acepções, um predicado de espécie. Esse predicado, quando se combina com nomes próprios, gera a interpretação de que o indivíduo em questão terminou de fazer algo, já com indivíduos genéricos, indica extinção, desaparecimento. *João acabou* veicula que ele acabou de fazer algo; já *Jacaré está acabando* indica que é a espécie está em extinção. Em Rikbaktsa, a raiz verbal *epyk* ‘acabar’ tem o mesmo comportamento: combinada com um nome próprio, em (8a), significa que aquele indivíduo parou de fazer algo saliente no contexto. Nas sentenças em (8b-c), o verbo é um predicado de espécie, veiculando a ideia de que já não há mais onças:

- (8) a. *João*                      *ø-n-epyk*.  
       João                         3suj-pas-acabar  
       ‘João acabou (de fazer algo).’
- b. *parini*                      *ø-n-epyk*.  
       onça                         3suj-pas-acabar  
       ‘Onça acabou.’
- c. *parini-tsa*                  *ø-n-epyk=naha*  
       onça-nfem.pl            3suj-pas-acabar=pl.suj  
       ‘Onças acabaram.’

Em (8b-c), a raiz verbal *epyk* ‘acabar’ é intransitiva, se combina com nomes nus. Em (8b), *parini* ‘onça’ não carrega marca de pluralidade. Já em (8c) temos um plural nu, *parini-tsa* ‘onças’, que estabelece no verbo concordância de pessoa, por meio do prefixo, e de número, e por meio do clítico *naha* ‘pl.suj’. Parece não haver diferença de significado entre as sentenças, talvez uma preferência pela forma singular, (8b). Assim, os sintagmas em (8b-c) são genéricos, isto é, denotam um indivíduo genérico ou espécie<sup>15</sup>. Nesse caso, alguém poderia afirmar que o morfema de plural é opcional.

No entanto, nem sempre esse é o caso de opcionalidade. O verbo *epyk* se combina com nomes massivos e gera uma interpretação de que aquela substância acabou. Aparece então uma diferença entre a forma singular e a plural, com nomes contáveis que têm uma contraparte massiva convencionalizada:<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Neste artigo, espécie ou indivíduo genérico deve ser entendido como qualquer conceitualização genérica e não apenas as espécies taxonômicas da biologia.

<sup>16</sup> Esse tópico demanda mais aprofundamento. Para os nossos objetivos, basta notar o contraste entre a forma plural e a singular.



A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma

sentenças genéricas são generalizações sobre indivíduos e situações. O operador genérico, Gen, expresso pela morfologia de presente do indicativo, prende as variáveis de maneira não-seletiva, como representado esquematicamente pela forma lógica em (11):

$$(11) \quad \text{Gen}[s;x;y] \text{ (s é situação de comer, x é anta; y é fruta) (x come y em s)}$$

“Em geral, uma situação em que há anta e fruta é uma situação que se desenvolve na anta comer a fruta.” As sentenças em (10) não são morfologicamente estativas, porque o verbo é ativo, isto é, há um agente.

Em Rikbaktsa, a sentença genérica padrão é morfologicamente estativa, como mostra a resposta em (4a) e repetida em (12a). A forma plural é aceitável, (12b), mas a singular é preferencial. A estrutura é de predicação:

- (12) a. *piku<sub>1</sub> huihara i<sub>1</sub>-akpara-wy*  
 anta fruta 3suj.sg-gostar-nlz  
 ‘Anta gosta de fruta.’. (Lit.: ‘anta ela é gostadora de fruta’)
- b. *piku-tsa<sub>1</sub> huihara s<sub>1</sub>-akpara-wy*  
 anta-nfem.pl fruta 3suj.pl-gostar-nlz  
 ‘Antas gostam de fruta’ (Lit.: ‘antas elas são gostadoras de fruta’)

Em (12), o verbo *akpara* ‘gostar’ é modificado pelo nome gerando um predicado disposicional gostar de fruta, ao qual se adjunge o sufixo nominalizador *-wy* (Silva, 2011)<sup>18</sup>. Podemos ver que a modificação do verbo é processada primeiro antes da nominalização porque o predicado é marcado morfologicamente. O sujeito gramatical é indicado por um paradigma de prefixos diferentes dos que ocorrem com verbos finitos, como em (5), repetido em (13) abaixo:

- (13) a. *piku huihara ø-p-ø-ezo*  
 anta<sub>1</sub> fruta<sub>2</sub> 3suj<sub>1</sub>-npas-3obj.sg<sub>2</sub>-comer  
 ‘(Uma/A) anta come fruta.’
- b. *piku huihara ø-p-ø-ezo-kok*  
 anta<sub>1</sub> fruta<sub>2</sub> 3suj<sub>1</sub>-npas-3obj.sg<sub>2</sub>-comer-cont  
 ‘(Uma/A) anta está comendo fruta.’

Nas sentenças em (13), claramente ativas, o sujeito corresponde à forma vazia no verbo. Já em (12), em que o verbo é estativo, o sujeito é marcado pelos mesmos prefixos que se combinam com nomes para expressar posse (*i-zo* ‘3-pai/ pai dele’) (Silva, 2011). Ademais, a raiz verbal não

<sup>18</sup> Há em Rikbaktsa, assim como em outras línguas indígenas brasileiras, uma sintaxe das palavras. Os processos de nominalização de verbos e adjetivos, assim como a predicalização de nomes, é altamente produtiva. Ver Maia *et al.* (2019), em especial capítulo 5.

recebe marca de objeto, indicando que a estrutura em (12) é mono-argumental, enquanto em (13) é bi-transitiva. Assim, *huihara* ‘fruta’ tem funções diferentes nessas sentenças. Em (13), ocupa uma posição argumental. A forma plural é gramatical e esse é um contexto em que parece haver opcionalidade entre as formas. Em (12), a derivação morfo-semântica não é essa, *huihara* não está em posição argumental. Nesse caso, a forma deve ser singular, isto é, sem marcação de número (\* *piku<sub>1</sub> huihara-tsa i<sub>1</sub>-akpara-wy*). Se as formas singular e plural fossem sinônimas, elas deveriam ser substituíveis em qualquer contexto, mas esse não é o caso quando o nome funciona como um modificador. Nesse caso, o plural torna a sentença agramatical.

A forma lógica em (11) faz sentido para as sentenças genéricas do PB, porque estamos diante de estruturas ativas, em que ocorre uma generalização sobre situações em que há envolvimento de indivíduos que são os agentes do evento. Em Rikbaktsa vimos que a estrutura das sentenças genéricas não é ativa, a sentença ativa leva a interpretação de um indivíduo em particular desenvolvendo o evento, (13). As sentenças em (12) correspondem a atribuições de propriedade a indivíduos, como representado em (14). O predicado, por ser disposicional, não impõe restrições ao tipo de indivíduo: indivíduos genéricos, ordinários como João e Maria ou plural como aqueles meninos ou as antas. Essa predição precisa ser confirmada:

(14) *huihara -akpara-wy* (x) = gostador de fruta (x)

Em (14) temos um predicado de indivíduo (Carlson, 1977; Chierchia, 1995).

Esta análise ganha força com sentenças como em (15), onde ocorre a transformação morfológica de um nome em um “predicativo”; mais uma vez, uma estrutura de atribuição de propriedade. O nome *pepeha* ‘carrapato’ é transformado na propriedade de ter carrapato ou “ser carrapato”. Nos exemplos em (15), o sufixo *-ẽ* é um formador de predicativo que se combina com substantivos, como *pepeha* ‘carrapato’, transformando na propriedade de ter carrapato:

- (15) a. *pazahae<sub>1</sub>*                      *tsi<sub>1</sub>-pepeha-ẽ-ta<sub>1</sub>*  
           javali                              3suj.sg-carrapato-pred-nfem.sg  
           ‘Javali tem carrapato’ (Lit.: ‘javali, ele é carrapato’).
- b. *pazahae-tsa<sub>1</sub>*                      *si<sub>1</sub>-pepeha-ẽ-tsa<sub>1</sub>*  
           javali-pl.nfem                      3suj.pl-carrapato-pred-nfem.pl  
           ‘Javalis têm carrapato’ (Lit.: ‘javalis, eles são carrapatos’)

O nome *pepeha* ‘carrapato’ combina com o predicalizador e gera uma estrutura mono-argumental, cuja valência é preenchida pelo nominal no singular ou plural. Tanto em (15a) quanto em (15b) há concordância de número e gênero entre o predicado e o nome que é o sujeito da sentença, representado pela numeração em subscrito. Em (15a), o prefixo *tsi-* ‘3 pessoa singular’ concorda com o sufixo *-ta*, ‘não fêmea singular’. Em (15b), *si-* ‘3 pessoa plural’, concorda com *-tsa*, ‘não fêmea plural’. Novamente, trata-se uma estrutura de predicação e o predicado é de indivíduo:

(16) *-pepeha-ẽ* (x) = ser-carrapatento (x)

Tanto o nome sem flexão quanto o plural nu são argumentais, na posição de sujeito. No entanto, apenas a forma singular é passível de ser morfologicamente transformada em um predicativo; o plural é agramatical (*\*si-pepeha-tsa-ẽ-tsa*). Essa é para nós mais uma evidência de que as formas sem e com flexão de número não são sempre substituíveis. Elas transmitem informações distintas.

Há três conclusões desta seção: (i) sentenças genéricas em Rikbaktsa são estativas; são estruturas de predicação, com predicado de indivíduo; (ii) com predicados genéricos, tanto o singular quanto o plural nus são argumentais, e parecem transmitir a mesma informação, (iii) nos processos morfológicos de nominalização e predicalização o singular é obrigatório.

### 3.3. Propostas teóricas

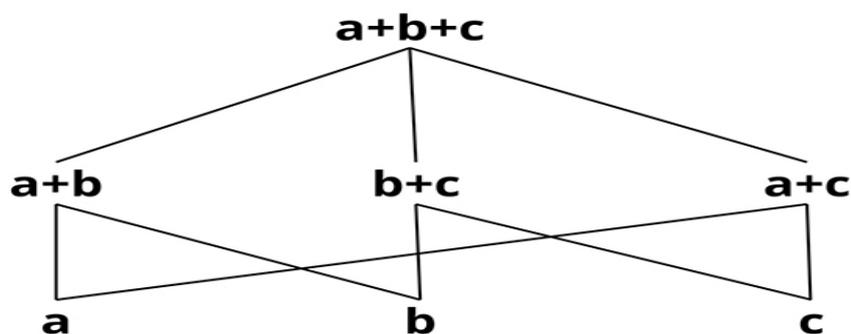
#### 3.3.1. Neutralidade para número e implicatura de exclusão

Embora possa parecer trivial, a semântica do plural no inglês já foi motivo de muito debate (Sauerland, 2008). O problema, no inglês, é que o plural às vezes parece ser exclusivo, isto é, mais que um, (17a), e às vezes é inclusivo, um e mais que um, como em (17b). Se o plural for sempre exclusivo, (17b) deveria significar que John comprou uma maçã, mas não significa:

- (17) a. John bought apples.  
b. John hasn't bought apples.

Uma proposta para explicar o plural em inglês entende que o plural é semanticamente inclusivo e a exclusão é uma implicatura pragmática (Sauerland 2003, 2008; Spector 2007). O plural nu denota um semi-reticulado fechado em soma que inclui os átomos (Link, 1983), representado na figura 2, em que a, b e c são os átomos e + significa soma:

Figura 2: Semi-reticulado



Fonte: Elaboração dos autores

Implicaturas são sensíveis ao contexto. Elas são computadas em contextos de acarretamento para cima) e não são em contextos de acarretamento para baixo (Chierchia, 2013). Explicamos, assim, o padrão no inglês. Na afirmação, em (17a), há uma implicatura que exclui os átomos e a leitura é de mais de um.<sup>19</sup> Já na negação em (17b), a implicatura não é computada e a sentença significa que ele não tem nenhum filho. Guerra Vicente e Ramirez (2020) aplicam essa ideia para explicar a distinção em Guarani-Kaiowá entre o singular nu e o plural nu com *-kuera*, já que a forma sem a flexão de plural pode significar mais de um, como é o caso no PB. No PB, a forma singular é gramatical:

- (18) a. João comprou maçã.  
b. João comprou maçãs.

Pires de Oliveira (2022b) argumenta que a proposta da implicatura gera predições incorretas para o PB, porque a sentença em (18a) deveria significar que ele tem apenas um filho, o que não é o caso.

Se o argumento para o PB vale, então essa teoria prediz que em Rikbaktsa a sentença em (1), repetida em (19a), deveria significar que a falante vai pegar apenas uma panela; em caso de haver mais de uma panela (19b) é obrigatória. Embora a leitura de uma panela seja possível para (19a), não é a única; (19b) não é obrigatória se há mais de uma panela:

- (19) a. *ikza=katsa morosok ø-p-ø-ebyk*  
1fem.sg=foco      panela      1suj-npas-3obj.sg-pegar/levar  
'Eu mesma vou levar panela.'
- b. *ikza=katsa morosok-tsa ø-my-s-ebyk*  
1fem.sg=foco      panela-nfem.pl      1suj-npas.-3obj.pl-pegar/levar  
'Eu mesma vou levar panelas.'

A proposta da implicatura explica por quê em situações de indivíduos únicos como o sol ou a lua, como em (20), o plural está barrado. Nesse caso, só a forma singular é aceita:

- (20) a. *haramyj tñi-aohãmi-ẽ=ta*  
sol      3.sg-estar.escondido-pred-nfem.sg  
'o sol está escondido'

Seja como for, essa análise não consegue explicar os contrastes que aparecem em Rikbaktsa entre o singular nu e o plural nus; ela prediz que deveria ser possível sempre trocar um pelo outro, mas vimos que esse não é o caso em três situações: (i) quando a interpretação é de substância, como no exemplo da carne de macaco; (ii) quando o nome funciona como modificador de um verbo como

<sup>19</sup> Spector (2007) desenvolveu a implicatura para o inglês.

no caso de ser gostador de fruta; (iii) quando o nome é transformado em um predicativo como quando o javali é descrito como carrapatento. Voltaremos a esses casos na próxima seção.

### 3.3.2. Menos morfológica mais próximo da raiz

Pires de Oliveira (2022) propõe que o singular nu no PB não denota uma soma atômica, mas um indivíduo singular, desenvolvendo a Carlson (1977). As espécies ou indivíduos genéricos têm a propriedade de ocorrer em vários lugares num mesmo instante no tempo. Indivíduos ordinários são esparramados no tempo, mas ocupam um único lugar num momento do tempo. Assim, Carlson distingue espécies, os indivíduos ordinários (“individual level objects”, em Krifka *et al.*, 1995) e os estágios de um indivíduo, que são instâncias espaço-temporais desses indivíduos. Um indivíduo ordinário como o sol, a lua ou qualquer um de nós, tem propriedades que perduram no tempo e outras que ocorrem em um dado momento, um estágio em nossas vidas. A figura abaixo representa essa ontologia, em que os indivíduos estão no tempo:

**Figura 3:** A espécie e suas realizações - Carlson (1977)



**Fonte:** Elaboração dos autores

Os indivíduos genéricos, por exemplo, a espécie baleia, é realizada por todas as suas realizações neste momento, nos vários lugares em que cada uma delas está, cada uma delas em seu estágio.

Predicados de indivíduo se aplicam ao indivíduo, logo são propriedades constantes, enquanto que predicados dos estágios são aqueles que são transitórios. Em, por exemplo, *O menino ronca* trata-se de uma propriedade do indivíduo, que é um roncador, enquanto que em *O menino está roncando* trata-se de um estágio em que o indivíduo se encontra. Podemos supor que predicados de indivíduo não tem uma variável de evento, precisamente porque não dizem respeito a um evento em particular, mas a uma propriedade do indivíduo (Chierchia, 1995).

Carlson define a realização como uma relação entre dois indivíduos de tal sorte que um realiza o outro:  $R(x, y)$ ;  $x$  é uma realização de  $y$ . Pires de Oliveira (2022) entende que essa é uma relação assimétrica, já que a espécie não é uma realização de si mesma, assim como não somos uma parte de nós mesmos. Essa é para a autora a diferença crucial entre o singular e o plural nus no PB: o singular

é um indivíduo singular, que tem a propriedade de ser vários no mesmo momento do tempo, já o plural é uma soma. Na figura 2, os indivíduos estão organizados por soma. Na figura 3, os indivíduos realizam as espécies. Assim, o singular nu não está gramaticalmente associado à soma, que exige identificação de unidades. Ele denota realizações espaço-temporalmente dispersas. Não há unidade de contagem. A neutralidade para número é simplesmente uma inferência a partir do fato de que esses indivíduos são suas realizações.

Vamos assumir que em Rikbaktsa há uma correspondência direta entre a forma lógica e a morfologia aberta, evitando postular níveis estruturais a priori, uma hipótese que pode ser refutada. Em Rikbaktsa, o nome plural tem mais estrutura do que o nome sem a marca morfológica, precisamente porque têm a flexão. Suponha que *-tsa* signifique um ou mais do que um exatamente como é o plural no inglês e no PB.<sup>20</sup> Uma possível derivação para o plural nu está em (21a). Assuma que o radical é polissêmico e denota, entre outras, a propriedade de ser uma realização da propriedade em questão. Nesse caso, o plural ordena as realizações por soma. Suponha que não há projeção de número para a forma sem a flexão, (21b), porque não há morfologia. Seu valor é não-plural. Há duas propriedades não-plurais: ou é uma propriedade de indivíduos ordinários ou é da espécie:

- (21) a.  $[_{DP} [_{NumP} -tsa [_N \text{ parini}]]]$   
 $[[ [_N \text{ parini} ]]]^w = \{x/x \text{ é uma realização de onça em } w\}$   
 $[[ [_{NumP} -tsa [_N \text{ parini} ]]]^w = \{x/x \text{ é uma soma de onça em } w\}$
- b.  $[_{DP} [_N \text{ parini}]]$   
 $[[ [_N \text{ parini} ]]] = \{x: x \text{ é onça}\} \text{ ou } \{x: x \text{ é onça espécie}\}$

Essa é uma solução em que a diferença de significado é gerada pela sub-especificação do radical nominal e a competição com a forma plural. Tendo em vista o que geramos até agora, a denotação de espécie para o plural nu será através da operação de descida do tipo semântica que transforma o predicado plural no indivíduo plural maximal (o operador  $\cap$  em Chierchia, 2021). Já o singular nu denota a espécie ou o indivíduo ordinário (em consonância com Dayal (2004) para o sintagma definido em inglês; por exemplo, *the whale* pode ser a espécie ou Moby Dick). Assim, explicamos que o nome sem a flexão pode denotar um único indivíduo, o sol, no exemplo em (20), ou o indivíduo genérico (a “personificação” de onça), no exemplo em (22a).

A proposta prediz que tanto o plural quanto o singular nus podem denotar a espécie e ser argumento de predicados de extinção, como nos exemplos em (8b-c), repetidos abaixo por conveniência, como (22a-b), respectivamente:

<sup>20</sup> Dados com a negação parecem corroborar essa hipótese, mas esse é um ponto a ser melhor investigado.

A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma

- (22) a. *parini*                      *ø-n-epyk.*  
           onça                            3suj-pas-acabar  
           ‘Onça acabou.’
- a’.  $o_k$  está extinta
- b. *parini-tsa*                  *ø-n-epyk=naha*  
           onça-nfem.pl                3suj-pas-acabar=pl.suj  
           ‘Onças acabaram.’
- b’.  ${}^{\cap}$  PL está extinta

A hipótese é que a diferença entre elas, mostrada nas formas lógicas em a’ e b’, indica que falantes de Rikbaktsa conceitualizam entidades abstratas, como a onça enquanto indivíduo genérico, e conceitualizam somas máximas de indivíduos. Essa diferença, que podemos associar a formas distintas de generalizar (dedutiva e indutivamente), transparece não apenas nas escolhas dos falantes, por exemplo, a preferência pela forma singular, mas também em lugares na gramática em que apenas uma dessas formas é aceitável.

Uma diferença entre o singular e o plural nus, que aparece no contraste em (9), repetido em (23), diz respeito à possibilidade de ser massificado. O tema da massificação é complexo e para os nossos interesses basta notar que ela só ocorre com o nome singular:

- (23) a. *boa-tsa*                      *ø-n-epyk=naha*  
           macaco.prego-nfem.pl        3suj-pas-acabar=pl.suj  
           ‘Macacos prego acabaram.’
- b. *boa*                            *ø-n-epyk.*  
           macaco.prego                3suj-pas-acabar  
           ‘(carne de) macaco acabou.’

O contraste mostra que o plural nu se mantém constante, é a soma máxima de macacos, mas o singular nu é interpretado como carne de macaco, porque na cultura Rikbaktsa, é costume comer carne de macaco. A predição é que outros nomes contáveis, se usados em contextos de comida, vão aparecer sem morfologia de número. Além disso, *boa* em outros contextos pode significar um, ou mais de um macaco prego. Como argumento de verbos como fugir ou caçar, *boa* pode ser usado em contextos em que há um único macaco prego ou em que há várias. A forma parece ser efetivamente sub-especificada. O singular nu pode denotar a espécie, como em (22a) e pode denotar a substância de que algo é feito, em certos contextos, e nesse caso é a única opção (23b). Assim parece que ser uma soma impede a massificação.<sup>21</sup> Logo, poder ser massificado, uma operação que ocorre espontaneamente em contextos

<sup>21</sup> Esse parece ser o caso no inglês *There is apple in the salad* é massificado, mas não *There are apples in the salad*.

de comida, é uma operação que ocorre mais próximo do radical nominal, indicando que talvez não haja projeção de número, diferentemente do que sugerimos em (21b).

A isso se junta o fato de que é o singular nu que ocorre nas operações morfológicas de nominalização do composto verbal em que o nome é uma modificação do verbo e também nos casos em que o nome ou o adjetivo é transformado em um predicativo. A primeira é exemplificada em (13), repetida em (24) por conveniência:

- (24) a. *piku*<sub>1</sub>      *huihara*      *i*<sub>1</sub>-*akpara-wy*  
 anta      fruta      3suj.sg-gostar-nlz  
 ‘Anta gosta de fruta.’ (Lit.: ‘anta ela é gostadora de fruta’)
- b. *piku-tsa*<sub>1</sub>      *huihara*      *s*<sub>1</sub>-*akpara-wy*  
 anta-nfem.pl      fruta      3suj.pl-gostar-nlz  
 ‘Antas gostam de fruta’ (Lit.: ‘antas elas são gostadoras de fruta’)

A projeção de número em *huihara* ‘fruta’ impede que o nome funcione como um modificador do verbo, expressando um tipo de gostar. Neste caso, o nome não é argumento do verbo, mas atua como um modificador indicando o tipo de gostar. Não há nesse caso uma projeção de número. O nome modificador não é o predicado atômico, porque se fosse deveria ser apenas uma fruta e não é esse o caso. Logo, esse nome deve denotar o conceito ou indivíduo genérico. Eis uma proposta de derivação morfo-semântica para sintagma verbal em (24). A projeção verbal *akpara*, cujo conteúdo é gostar de, é modificada pelo nome *huihara*, veiculando o significado de um subtipo de gostar: o gostar de fruta, ainda uma projeção verbal. O nome denota aquilo que é conceitualizado como fruta. O predicado *huihara akpara-*, gostar de fruta, é nominalizado por *wy*, gerando o predicado mono-argumental “aquele que é um gostador-de-fruta”.

O mesmo raciocínio explica o dado em (16), repetido em (25), em que o nome é transformado em predicativo:

- (25) a. *pazahae*<sub>1</sub>      *tsi*<sub>1</sub>-*pepeha-ẽ-ta*<sub>1</sub>  
 javali      3suj.sg-carrapato-pred-nfem.sg  
 ‘Javali tem carrapato’ (Lit.: ‘javali, ele é carrapato’).
- b. *pazahae-tsa*<sub>1</sub>      *si*<sub>1</sub>-*pepeha-ẽ-tsa*<sub>1</sub>  
 javali-pl.nfem      3suj.pl-carrapato-pred-nfem.pl  
 ‘Javalis têm carrapato’ (Lit.: ‘javalis, eles são carrapatos’)

A forma plural é agramatical, indicando mais uma vez que não há projeção de número. Logo, a operação morfológica ocorre no radical nominal, que denota o indivíduo genérico, que é o conjunto de realizações de uma propriedade. Talvez seja essa a mesma razão que explica em inglês, uma língua em que o singular nu é agramatical, compostos como *dog food* ou *bug spray*. Também nesses casos, o plural é agramatical.

Esses fatos ficam sem explicação se entendemos que o singular nu é um plural sem a implicatura de exclusão dos átomos, como faz a teoria da implicatura. Eles decorrem naturalmente da hipótese de que o singular nu denota o indivíduo genérico, que tem a propriedade de se realizar em indivíduos ordinários no mesmo momento do tempo. Essa proposta explica os casos discutidos neste artigo e apresenta uma nova perspectiva para a neutralidade de número.

#### 4. A semântica através das línguas

A temática do projeto de pesquisa ao qual este artigo se insere é uma investigação sobre como são as estruturas semânticas através das línguas, em particular como são as estruturas nominais nuas. Em 1998, Chierchia formula os parâmetros semânticos, de acordo com os quais, o Rikbaktsa é uma língua nua, como o Mandarin, já que não tem artigos. No entanto, diferentemente do Mandarin, ela tem flexão de número, se comportando como uma língua marcada para número, dessa vez de acordo com o parâmetro do número (Chierchia, 2021). Trata-se, portanto, de uma língua sem artigos e com flexão de número. Os sintagmas não são encabeçados por artigos e podem ou não ser acompanhados da flexão de número: *parini* ou *parini-tsa*. Há contextos em que eles parecem ser intercambiáveis, ou, para dizer de outra forma, contextos em que a morfologia de plural parece ser opcional. Esse é o caso nas sentenças genéricas e com predicado de extinção. No entanto, os dados mostraram que há contextos em que o singular nu é preferido, outros em que ele é obrigatório e outros em que há uma mudança de leitura de contável para massa. Argumentamos que em todos os casos, também nas estruturas de derivação morfológica, quer modificando o verbo, quer como radical nominal com o qual se combina um morfema predicalizador, só o singular é aceitável, porque não há projeção de número e ele denota o radical nominal. Argumentamos que a teoria dominante na literatura sobre neutralidade para número não consegue explicar essa distribuição. A análise proposta neste artigo explica esses dados, é uma análise inovadora e merece ser aprofundada em pesquisas futuras.

#### Abreviações

nfem - não fêmea	pl - plural	obj - objeto
npas - não passado	sg - singular	cont - continuativo
pas - passado	suj - sujeito	pred - predicador
PB – português brasileiro	nlz - nominalizador	1 – primeira pessoa
3 – terceira pessoa		

## Referências

- BAKER, Mark C. *The Polysynthesis Parameter*. New York: Oxford University Press, 1996.
- CARLSON, Greg N. A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics And Philosophy*, [S.L.], v. 1, n. 3, pp. 413-457, jan. 1977. Springer Science and Business Media LLC. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/bf00353456>.
- CHIERCHIA, Gennaro. Individual-Level Predicates as Inherent Generics *In*: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis Jeffrey. *The Generic Book*. Chicago: The University Of Chicago Press, 1995. pp. 176-223.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Logic in Grammar: polarity, free choice, and intervention*. [S. L.]: Oxford University Press, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199697977.001.0001>.
- CHIERCHIA, Gennaro. Mass vs. Count: Where do we stand? Outline of a theory of semantic variation. *In*: KISS, Tibor; PELLETIER, Francis Jeffrey, and HUSIC, Halima (eds.) *Things and Stuff: The Semantics of the Count-Mass Distinction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. pp. 21-54.
- DAYAL, Veneeta. The (In)definiteness Questionnaire. *In*: DAYAL, Veneeta (ed.) *The Open Handbook of (In) definiteness: A Hitchhiker's Guide to Interpreting Bare Arguments*. [S.L.]: MIT Press, no prelo.
- DELLAI, Érica Milani *et al.* A distinção massa e contável na gramática Rikbaktsa (Macro-Jê). *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas (SP), v. 21, n. 00, pp. 1-18. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661408>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8661408>. Acesso em: 29 ago. 2024.
- GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, Marcelo (org.). *Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística*. Campinas: IEL, [1967]1982. p. 301. (Volume IV - Fundamentos Metodológicos da Linguística).
- GUERRA-VICENTE, Helena; RAMIRES, Daiane. (In)definitude, número e implicatura de multiplicidade em uma língua sub-representada: um estudo do Kaiowá (Tupí-Guaraní). *Revista Gragoatá*, no prelo.
- JASPER ERN, Vitória Maria *et al.* Definitude e a genericidade em Rikbaktsa (Macro-Jê). *Revue Ameríndia*, [S.L.], v. 44, pp. 109-133, 2023. Structure et Dynamique des Langues. DOI: <http://dx.doi.org/10.56551/hvhn7718>.
- KRIFKA, Manfred *et al.* Genericity: An Introduction. *In*: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis Jeffrey. *The Generic Book*. Chicago: The University Of Chicago Press, 1995. pp. 1-124.
- LIMA, Suzi; ROTHSTEIN, Susan. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation*, [S.L.], v. 20, n. 2, pp. 174-218, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1075/lv.20.2>.
- LINK, Godehard. The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-theoretical Approach. *In*: BÄUERLE, Rainer; SCHWARZE, Christoph; VON STECHOW, Arnim. *Meaning, Use, and Interpretation of Language*. Berlin: De Gruyter, 1983. pp. 302-324. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110852820>.
- MALDONADO, Violeta Vázquez Rojas. *Morfosemántica en la fase nominal purépecha*. Cidade do México: El Colegio del Mexico, 2019.

A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma

MATTHEWSON, Lisa. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics*, [S.L.], v. 70, n. 4, pp. 369-415, out. 2004.

MÜLLER, Ana; STORTO, Luciana; COUTINHO-SILVA, Thiago. Número e a distinção Contável-Massivo em Karitiana. *Revista da Abralín*, v. 5, n. 1/2, p. 2006, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/946>.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A expressão da espécie no Português Brasileiro nomes nus e definido genérico. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, pp. 327-346, abr. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2022.v18n1a52933>.

SANCHEZ-MENDES, Luciana. Trabalho de Campo para Análise Linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, [S.L.], v. 90, n. 2, pp. 277-293, set. 2014.

SILVA, Léia de Jesus. *Morphosyntaxe du Rikbaktsa (Amazonie brésilienne)*. 2011. 384 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sciences Du Langage, Université Denis Diderot, Paris, 2011.

SPECTOR, Benjamin. Aspects of the Pragmatics of Plural Morphology: on higher-order implicatures. In: SAUERLAND, Uli; STATEVA, Penka. *Presupposition and Implicature in Compositional Semantics*. London: Palgrave Macmillan, 2007. pp. 243-281. DOI: [https://doi.org/10.1057/9780230210752\\_9](https://doi.org/10.1057/9780230210752_9).

STORTO, Luciana. Línguas Indígenas. *Tradição, universais e diversidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2019.